



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



QUANDO SE ENTRA NA FLORESTA: CULTURA, MEMÓRIA E TRADIÇÕES ORAIS COMO ESTRATÉGIAS INOVADORAS NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DO MUCAMBO E DE BOITARACA

Mille Caroline Rodrigues Fernandes

Mestranda em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – CAMPUS I. Pesquisadora do Grupo PRODESE/UNEB/CNPq – Programa Descolonização e Educação.

E-mail: millecaroline@hotmail.com

Rogério Lima Vidal

Mestrando em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB – CAMPUS I. Pesquisador do Grupo NGEALC/CNPq – Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Culturas.

E-mail: peessoa_vidal@yahoo.cm.br

Resumo

O artigo configura-se como desdobramento de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado em Educação e Contemporaneidade/PPGEduC–UNEB, que está sendo realizada no quilombo do Mucambo, localizado em Barreiras – oeste da Bahia, e no quilombo de Boitaraca, localizado no baixo sul baiano, especificamente na cidade de Nilo Peçanha. O objetivo desse trabalho é repensar o papel da educação como fonte de afirmação de identidades de crianças quilombolas, à luz das experiências culturais vividas no Mucambo e em Boitaraca, tendo a memória, a ancestralidade e as tradições orais como estratégias no processo de ensino e aprendizagem. Estas experiências, que no título realçamos como um *entrar na floresta*, revelam o desafio dos professores destas duas comunidades, desenvolverem em suas salas de aulas multisseriadas, espaços pedagógicos que propiciem a valorização da *arkhé* africana. Tomando essa conjuntura, o revigoramento das tradições obedece a toda uma inovação que não altera e nem invisibiliza a sua essência primordial de herança africana, ao contrário, estas tradições se tornaram o ponto de ancoragem da manutenção existente nestas comunidades, apesar de seus contextos de formação histórico e social serem bem diferentes. Assim, o olhar debruçado sobre as práticas educativas realizadas pelos professores e o aprender das crianças nessas comunidades, busca compreender a dinâmica do *vivido/concebido* no processo de ensino e aprendizagem, no qual a tradição está ligada a processos capazes de formar a consciência individual e coletiva de uma realidade, mostrando caminhos didático-pedagógicos, eficazes que podem se sobrepor aos saberes promovidos pelo modelo eurocêntrico de ensino. Nesta perspectiva, o texto procura refletir sobre a necessidade de pensar outras formas de apreender o mundo, tendo como base as produções comunais e territoriais do Mucambo e de Boitaraca, onde cada professor na sua coletividade, na ação pesquisadora, na sua prática educativa, conseguem implementar e articular as tradições orais e culturais, caracterizadas pelas festas de Folias de Reis, O Trido de Santo Antônio, Rituais e outras produções comunais, as quais descortinam, (re)criam, (re)inauguram e potencializam a existência destas comunidades. Sendo assim, o modelo de educação vivido nas comunidades em discussão e revelado nas práticas dos professores, se constitui como um modo de resistência de um *continuum* civilizatório africano-brasileiro, que cria estratégias para manter viva a sua existência cultural, através de redes e conexões educativas, as quais não se separam da dinâmica do *vivido/concebido* e não se enquadram em normas, burocracias, métodos rígidos e imutáveis, mas no desejo, na alegria.

Palavras-chaves: Comunidade do Mucambo e de Boitaraca; Educação; Cultura; Memória; *Arkhé*

Introdução

A cultura, a memória e as tradições orais africano-brasileira tem sido a questão central das nossas reflexões em relação a educação em comunidades quilombolas. Destes três aspectos referidos, muitos professores quilombolas têm extraído subsídios capazes de constituir uma perspectiva pedagógica que contemple a diversidade étnico-cultural, considerando sua significação real para as crianças e jovens quilombolas, principalmente se eles dão possibilidades para que estes sujeitos enfrentem as adversidades impostas no contexto escolar, privilegiando a sua afirmação socioexistencial e o reconhecimento e a admiração de suas raízes.

Foi com este pensamento que surgiu este artigo, fruto de nossas pesquisas de mestrado. Uma pesquisa que busca estabelecer um olhar especial sobre a educação escolar que ocorre no quilombo do Mucambo e no quilombo de Boitaraca. Comunidades formadas em meados do século XVIII no Estado da Bahia.

O Mucambo localizado na região Oeste, no município de Barreiras, que sobrevive economicamente do plantio e da colheita de mandioca e de milho, e Boitaraca, localizada na região do Baixo Sul, zona rural do município de Nilo Peçanha, que sobrevive economicamente do tradicional extrativismo da piaçava – trabalho sexualmente dividido: no qual os homens colhem a piaçava e as mulheres catam ou penteiam a fibra do vegetal, preparando o produto para ser vendido, são comunidades quilombolas que mesmo estando localizadas em pontos extremos do estado baiano, possuem semelhanças em seus modos de coexistir no mundo contemporâneo, pois buscam sobrevivência cultural, nas memórias da população e na força da palavra que passeia e vivifica todas as práticas de viver numa comunalidade.

Nesse contexto, estas duas comunalidades trazem em seu trabalho pedagógico um conjunto de princípios, valores, visão de mundo, modos de sociabilidade, linguagens e até a forma de plantar e colher a terra ou na extração da piaçava, se referem a um determinado *continuum* civilizatório, que se predispõe na sua plenitude em estabelecer espaços próprios de diálogos, negociações, diplomacia que estruturam uma dinâmica de coexistência e que amplia o processo de educar diferente do modelo europeu de ensino, o qual não valoriza a história oral, a memória e nem a ancestralidade como forma de aprendizagem. No modelo europeu de ensino, a escrita se sobrepõe à fala e a comprovação científica aos saberes das ervas.

Quem nunca teve um avô, uma avó, uma tia ou uma pessoa mais velha que lhes contasse histórias do povo mais antigo, do tempo que eram crianças, das brincadeiras, dos costumes de seu povo? Ou quem nunca pediu a bênção antes de dormir, depois de acordar, antes de sair de casa para suas tarefas rotineiras? Quando nossos antepassados sofreram a tentativa de aniquilamento de sua *arkhé*¹, para que se sujeitassem ao trabalho escravo, nossas Histórias, ou melhor, nossas tradições culturais foram sustentadas através do boca a boca debaixo de árvores, e de fogueiras a bocas de fogão, perdurando até hoje, e interrogando a verdade encapuzada da história criada pela cultura branca dominante.

Na comunidade do Mucambo e de Boitaraca, o ouvir as histórias contadas pelos mais velhos, o pedir a bênção antes de dormir, ao levantar e antes de sair de casa, são elementos que fazem parte do cotidiano da comunidade, e é levado para o interior da escola como forma de não perder a essência cultural africana. As professoras, de cada comunidade, utilizam o currículo oficial de ensino, mas a memória dos mais velhos faz parte do processo de ensino e aprendizagem. Os **mais velhos** participam das atividades organizadas no interior da escola Dr. Abílio Farias, no Mucambo e da escola Ruy Barbosa, em Boitaraca. Mesmo sendo turmas multisseriadas, os mais velhos se organizam para contar sobre os feitos dos que os antecederam, como se formou a comunidade e ensinam algumas palavras em yorubá.

A proposta pedagógica dessas escolas foi pensada pelas professoras, Juscilde Cavalcante Vieira e Arlete Assunção, filhas das comunidades do Mucambo e de Boitaraca respectivamente, que durante seus primeiros anos de escolarização sentiu falta das histórias que compõem o universo simbólico destes quilombos. Isto porque, os professores, geralmente, que iam ensinar nessas escolas quilombolas, vinham de outras localidades, não sabiam sobre o processo de educar dentro de um quilombo, muito menos sobre a realidade do Mucambo e de Boitaraca. A maioria destes professores trabalhavam com cartilhas prontas, que apresentavam culturas e valores bem diferentes dos valores ancestrais das referidas comunidades.

O objetivo principal desta pesquisa etnográfica é repensar o papel da escola Dr. Abílio Farias e da escola Ruy Barbosa como fonte de afirmação de identidades, à luz da experiência vivida no Mucambo e em Boitaraca, tendo a cultura, a memória e as tradições orais como suporte do processo de ensino e aprendizagem. Esta pesquisa está sendo desenvolvida mediante uma metodologia de cunho etnográfico, baseada no nível macro na perspectiva de um enquadre

¹Segundo Narcimária Luz (1999.p.49-68), palavra de origem grega, utilizada para interpretar o discurso da comunalidade africano-brasileira, significa (...) princípios inaugurais que imprimem sentido e força, direção e presença a linguagem. Princípio-começo-origem, e princípio-poder-comando. Não se trata, apenas, de referir-se a antiguidade e/ou anterioridade, mas o princípio inaugural, constitutivo, recriador de toda experiência africana.

descritivo-analítico (GEERTZ, 1989), que contribuiu para compreender de maneira qualitativa, o território do Mucambo e de Boitaraca. Vale salientar, que território aqui não é apenas o espaço, o lugar físico, abstrato, o território é o espaço marcado pelo humano. O corpo é território, a casa é território, são lugares simbólicos do espaço ocupado pelo humano (SODRÉ, 1983); a pesquisa também contempla o nível micro baseado no enquadre analítico das interações face a face (ERICKSON, 1971), um meio eficaz como instrumento de sensibilização dos atores inscritos no processo educativo o que possibilita algo o qual podemos chamar de “reconhecimento” do outro como portador de uma cultura tão respeitável como qualquer outra.

Estes níveis analíticos de pesquisa estão ancorados nos pressupostos da história oral, tendo como instrumento metodológico a entrevista narrativa (THOMPSON, 1998); (MEIHY, 2000), a observação participante e as atividades produzidas pela técnica do grupo focal (GATTI, 2005), o que nos fez perceber que o cotidiano vivido pelas crianças, pelos jovens, pelas educadoras e pelas duas comunidades permite pensarmos uma educação que, de fato, abre possibilidades reais para a convivência democrática entre diversas vertentes civilizatórias, especialmente para a civilização africano-brasileira, que ao longo de vários séculos, cria estratégias comunitárias para manter viva a sua existência e de seus descendentes diante do contexto colonialista e imperialista euro-americano que vem tentando sobrepor-se às culturas milenares e tradicionais em todo o mundo.

Mucambo e Boitaraca, um breve histórico

A territorialidade produzida pelas Comunidades do Mucambo e de Boitaraca serve para marcar as identidades e legados dos povos africanos e seus descendentes, com sua riqueza de linguagens. Essas construções envolvem relações consolidadas nos aspectos históricos, políticos, econômicos, sociais e, sobretudo, culturais. Este último, por sua vez, constrói as identidades (HALL, 2002) num processo complexo a partir dos símbolos e significados estabelecidos na interação social cotidiana.

Por isso, para compreendermos a formação dos dois quilombos e sua importância como resistência cultural negra, é necessário contextualizarmos as duas comunidades para que o entendimento sobre os aspectos culturais, as tradições orais e a memória possam ser incluídos como fatores de coexistência e fortalecimento de cada comunalidade. Dessa maneira, a comunidade do Mucambo localiza-se na região Oeste da Bahia – o Além São Francisco -

epicentro do agronegócio, distante da movimentação cultural de Salvador e do Recôncavo, onde a cultura do imigrante do sul do país desestabiliza a visão de mundo nativa e se consolida a cada dia. O povoado fica a 15 quilômetros da sede do Município de Barreiras, que, por sua vez, está localizado a 870 quilômetros de Salvador e a 650 quilômetros de Brasília – Distrito Federal.



Mapa político do Estado da Bahia – 2011.

Designação originária dos povos Bantus, a palavra Mucambo significa abrigo, esconderijo ou cumeeira. Segundo Brandão *apud* Silva (1995), o termo tem uma ligação com habitação, moradia. Trata-se de um “aportuguesamento” do *quimbundo Mutambo*, significativo de telheiro ou cumeeira da casa. O povoado é composto por dois troncos familiares: Vieira e Catula. Sendo Catula, um “aportuguesamento” do termo lingüístico de origem Banto de designação Quimbundo (Katulá) que nas comunidades de terreiros da nação Banto significa cortar ou aparar.

De acordo com os depoimentos dos antigos moradores do povoado, a comunidade do Mucambo tem sua origem de descendentes de povos africanos escravizados, oriundos das lavras de diamantes na Chapada Diamantina, Minas Gerais e Goiás, como também dos negros que fugiam da fazenda Cajazeiras. Essas histórias que trançam as origens do Mucambo estão

vinculadas a grande parte da população existente nesta região que traz referências à cultura africano-brasileira, desenvolvidas pelas experiências migratórias e de troca de saberes e de constituição do próprio processo de desenvolvimento econômico, pautado pela estrutura colonial do passado.

Com o histórico de formação da comunidade de Boitaraca não foi muito diferente. Corruptela da palavra *Imbué-taraca*, uma palavra de origem afro-ameríndia, que designava um tipo de borboleta de cor cambiante que existiam no local, a comunidade é formada por dois troncos familiares: Rosário e Assunção. Constituiu-se geograficamente na cidade de Nilo Peçanha, no Sul do Estado da Bahia, Baixo-sul – Costa do Dendê – região litorânea assim intitulada, devido aos sete municípios que fazem limite com a cidade de Nilo Peçanha, e que exportam grande quantidade de produtos derivados do dendê.



A povoação da área onde hoje está situada a cidade de Nilo Peçanha iniciou-se quando os primeiros habitantes da futura cidade estabeleceram-se nas terras da fazenda do Sr. Joaquim Gomes Machado. Esta cidade tinha como principal fonte econômica o cultivo da mandioca, dendê ou a produção de farinha em menor escala, o plantio da cana de açúcar, sendo a agricultura de subsistência a principal atividade de sua pequena população. Apesar de apresentar-se como um tímido fabricante de açúcar, a cidade de Nilo Peçanha viu florescer em

seu perímetro urbano um pequeno engenho, nas terras da fazenda Mutupiranga, cujas ruínas sobrevivem até hoje.

Nesta conjuntura, a existência do engenho desde o século XVIII certamente implicava a presença de escravos negros nas terras, mesmo que em plantéis pequenos. A população negra na região como um todo não deveria ser muito grande, dada a ausência de grandes latifúndios e das imensas porções de terras inexploradas, o que facilitou a formação de pequenas propriedades, que em virtude de suas características produtivas não mantinham grande número de escravos.

Assim, no que tange ao contexto do *continuum* civilizatório africano nas Américas, a formação de comunidades negras rurais quilombolas tem como particularidade ter sido uma das mais constantes ferramentas contra o sistema servil escravista. A necessidade de luta fez promover uma frente organizacional, unindo homens, mulheres e crianças de diversas etnias negras africanas como também outras formações étnicas e de consanguinidade, ligados a interesses próprios e coletivos fundados nos propósitos de luta contra o colonialismo.

Gomes (2005) salienta que havia uma intensa rede de relações econômicas e sociais, a qual possibilitava a sustentação dos quilombos e, ao mesmo tempo, as fugas faziam parte de táticas montadas pelos escravizados, que incluíam até esconder escravos em fazendas vizinhas, o que significava haver um circuito de comunicação entre escravos nas minas e/ou fazendas e quilombolas.

Dessa maneira, o Mucambo formou-se com a fuga dos negros escravizados das minas de diamantes e da fazenda Cajazeiras, segundo o relato de Seu Vivaldo Catula²:

No passado aqui era uma grande fazenda, cujo nome era fazenda Cajazeiras. (...) Meu avô contava que esta fazenda era de meu tataravô, e que os escravos vieram em busca de abrigo e ele deu. Muitos negros vieram como escravos ainda. E dessa imensa fazenda, transformou-se no Mucambo.

E Boitaraca, formou-se a partir da fuga dos negros escravizados do engenho Mutupiranga. De acordo com o relato de Dona Madalena Rosário³:

Os negros escravos vieram de Nilo Peçanha de um sobrado chamado Mutupiranga, porque tem um corgo [córrego], ali dava pra se esconder. E vieram fugidos, e vieram se escondendo. Só sei que minha madrinha me falou que deram aqui, e como era mata bruta, mata virgem, eles vieram. E negro desesperado para se esconder, não tem lugar, né? Vai mesmo

² Morador do quilombo do Mucambo, entrevista realizada no dia 22 de dezembro de 2008.

³ Moradora da comunidade de Boitaraca, entrevista realizada no dia 21 de maio de 2006.

invadindo por pau e espinho. Aonde dá pra se esconder, se esconde mesmo. E foi o caso dos escravos que se arrancharam aqui.

Os trechos das entrevistas concedidas tanto por seu Vivaldo Catula quanto por D. Madalena Rosário faz lembrar Thomson (1997), que ao defender a oralidade como possibilidade de fonte histórica observa que “as histórias que relembramos não são representações exatas do nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem as nossas identidades e aspirações atuais” (THOMSON, 1997. p. 57). Na verdade, o que seu Vivaldo e D. Madalena estão fazendo é um relato do que lhe foi dito por seu avô e por sua madrinha, falecidos em 2002, com aproximadamente 120 anos – estes sim, teriam lembranças do cativo e, “alfinetados” com as perguntas de seu Vivaldo e de D. Madalena, teriam contado “essas histórias” dos negros fujões que originaram suas respectivas comunidades.

Assim, é possível reconstituir a historicidade do Mucambo e de Boitaraca a partir da memória de seus atuais habitantes que segundo Raphael Samuel:

A evidência oral torna possível escapar de algumas das falhas dos documentos (...) Há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar, eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem lembrar. (SAMUEL, 1989-1990, p. 230).

A memória se configura como o principal meio de apreensão das histórias de ocupação e das formas de vida dessas comunalidades, sendo o resgate destas narrativas a tônica das nossas pesquisas. Mucambo e Boitaraca, comunidades de influência afro-ameríndia apresenta em seus ambientes características específicas, herdadas de uma mentalidade que influencia no comportamento e mantém a harmonia com elementos naturais e/ou construídos, imprescindíveis à manutenção da vida do local.

A vivência nessas comunidades possibilita uma reflexão acerca do *locus* comunal africano e a organização de um mundo singular. Neste espaço, pode-se aproximar o “ontem do hoje” num processo dinâmico, sem perder de vista a essência de suas tradições. O universo cultural ancestral que os foi legado, encontra-se presente em suas vivências e é o que, de certo modo, tem afirmado a sua identidade e existência enquanto comunidades remanescentes de quilombo, sem as excluir da condição que as faz aportar no mundo, como indivíduos contemporâneos.

O processo cultural herdado é em grande medida transmitido pela oralidade, que corresponde à natureza da memória, “reservatório” de gerações sucessivas, com a mesma força vital em forma de relato, canto e emoção, reelaborando a história e a vida no cotidiano das

comunidades. Contadores de histórias, rezadeiras, agricultores, trabalhadores do sisal – “apanhadores”, “catadeiras”, moradores locais com tradições culturais expressas nas cantigas que embalam os sambas de roda, Folias de Reis, **São Sebastião e Sambado**⁴, na **Dança da Velhinha**⁵, no ritual da “**Queima das Palhas**”⁶ quando se recolhe o presépio natalino, uma festa de tradição escrava, comemorada à base de licor, mungunzá e bolo, festividades presentes também no Trido de Santo Antônio e no ritual das Cinzas na quarta-feira Maior. Estes são sujeitos históricos, portadores de uma identidade que expressa em sua vivência, a singularidade de uma população dentro de uma nação plural. Uma história contada a partir da memória da população local, nas suas lembranças, na representação do seu imaginário, investigado nos silêncios e nas reticências das falas colhidas em entrevistas e depoimentos, e na análise de imagens de suas festas religiosas.

A convivência tem em seu âmago o acolhimento, que é elaborado através dos ensinamentos dos mais velhos e pela reciprocidade dos mais novos. Este processo serve para manter princípios, valores e o comportamento destas comunidades.

Quando se entra na floresta: “Como se ensina e como se Aprende” no Mucambo e em Boitaraca

“Dá-me licença Oxóssi⁷... Dá-me licença Ossain⁸... A casa é vossa. Eu posso entrar?” (...) Para entrar na floresta tem que se pedir licença, aos mais velhos, aos que protegem as matas, aos nossos ancestrais. Aqueles que nos vigiam de noite e de dia e que nos alimenta com suas forças e energias nascidas das folhas. (D. C – 12 anos, Mucambo).

Ninguém anda só na mata. Minha vó me contou que se a gente entrar na floresta e não pedir licença, a gente se perde. A estrada some dos olhos da gente. Meu avô diz que não se entra na casa de ninguém sem pedir pra entrar, sem pedir **licença**. (J.R – 10 anos, Boitaraca).

A metáfora do “*Entrar na floresta*”, utilizada como título desse artigo, revela o desafio dos professores destas duas comunidades, desenvolverem em suas salas de aulas multisseriadas,

⁴ Festejos de Santos Reis que acontecem no Mucambo todo mês de janeiro.

⁵ A dança da Velhinha é uma forma cultural de valorização das pessoas idosas da comunidade. Segundo Arlete Assunção, professora da comunidade, antigamente existia em Boitaraca o samba de roda, e algumas senhoras sentiam-se tímidas para dançar, então só observavam o “levantar poeira” das comadres do samba. Em homenagem a estas tímidas senhoras, os jovens da comunidade resolveram criar a dança, caracterizando-se de velhinha. Com cajado na mão saem pela rua cantando e dançando. Fazendo a alegria do povoado.

⁶ Comemorações tradicionais natalinas que acontecem em Boitaraca.

⁷ LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. 2000.p. 55.

⁸ Idem. p. 57.

espaços pedagógicos que propiciem a valorização da *arkhé* africana (LUZ, 2003). Pois em se tratando de comunidades quilombolas, a oralidade tornou-se um importante mecanismo na transmissão das histórias, dos saberes, dos fazeres e da formação do Mucambo e de Boitaraca. Os mucambeiros e os boitaraquenses narram com orgulho as histórias que os mais velhos contam, uma realidade constatada nas falas das crianças e dos jovens destas duas comunidades, quando dizem: “Minha vó me contou que se a gente entrar na floresta e não pedir licença, a gente se perde. A estrada some dos olhos da gente....”(J. R – 10 anos). Nascidas nesse meio em que o contar e o narrar são essenciais para a formação da identidade e perpetuação do legado cultural da comunidade, as crianças crescem, recebendo todo o aprendizado necessário para serem homens ou mulheres sábios, membros úteis em suas comunidades, respeitados e de grande valor.

Tomando essa conjuntura, o revigoramento das tradições obedece toda uma inovação que não altera e nem invisibiliza a sua essência primordial de herança africana, ao contrário, estas tradições se tornaram o ponto de ancoragem da manutenção existente nestas comunidades, apesar de seus contextos de formação histórico e social serem bem diferentes. Assim, o olhar debruçado sobre as práticas educativas realizadas pelas professoras e o aprender das crianças nessas comunidades, busca compreender a dinâmica do *vivido/concebido* (LUZ, 2000) no processo de ensino e aprendizagem, no qual a tradição está ligada a processos capazes de formar a consciência individual e coletiva de uma realidade, mostrando caminhos didático-pedagógicos, eficazes que podem se sobrepor aos saberes promovidos pelo modelo eurocêntrico de ensino.

Nestas comunidades, quando o crepúsculo revela-se em encanto e magnitude sinalizando para o final de um dia, começam os prenúncios para mais um serão – noites no Mucambo e em Boitaraca – onde a ancianidade manifesta-se para contar as mais belas histórias do seu povo. É um momento único, todas as crianças, em um círculo, sentados numa esteira, atentos aos **mais velhos**, juntam-se para a captura de cada gesto, de cada música cantada, cada olhar, cada momento, os quais se eternizam, e são guardados na memória, e dela não saem, pois, como diz um provérbio africano: “A mão do ancião pode tremer, mas a sua voz costuma acertar no alvo.” Nestas comunidades quilombolas, a figura do ancião não é vista como aquele que já perdeu a força, aquele que não tem mais o que acrescentar a sua comunidade, contrariando aos princípios de progresso da sociedade capitalista, uma vez que nesta sociedade, o idoso não possui mais a função social de ser o portador e o transmissor do saber, e sim, de um ser improdutivo, por não se encaixar aos moldes de produção e de lucro.

Tanto no Mucambo quanto em Boitaraca, a vida e seus estágios são como as estações: cada

período é assinalado por sua peculiaridade, não desencadeando a ordem cronológica, mas completando-a. O ancião põe-se no papel de não findar o legado cultural, mas de lhe dar sequência, sem que nenhuma minúcia se perca nas transmissões que são passadas de geração a geração. Até porque, o ouvir das narrativas não se constitui de forma involuntária ou eventual, a criança compreende o grande valor semântico das histórias contadas. Faz-se fundamental, então, entender, escutar, compreender o contar. Nesses momentos, toda a sociedade se cala e ouve as diversas passagens a serem contadas; é um momento de aprendizado.

Voltadas a valorizar a memória das crianças e jovens do Mucambo e de Boitaraca, tanto a professora Juscileide Vieira, professora do Mucambo, quanto a professora Arlete Assunção, professora de Boitaraca, correlacionam o cotidiano destas comunidades às práticas escolares, ou seja, as festas religiosas, as músicas e, principalmente, os contos, típicos de cada comunidade, surgem como um processo cultural, ao mesmo tempo, que recria o cotidiano do grupo, registra a história destas populações e suas transformações de geração para geração. Observa-se que “as festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo” (BAKHTIN, 1999. p. 7). Assim, as vivências individuais e coletivas e as festividades que ocorrem dentro do grupo social tornam-se um aspecto importantíssimo para um trabalho efetivo, onde os alunos conseguem se enxergar enquanto protagonistas da história.

As representações coletivas do povo do Mucambo e de Boitaraca influenciam no fortalecimento da tradição. São representações onde não existe uma linha que separe o tempo, do espaço, da verdade histórica e a causalidade. As festas, as danças, as músicas, as artes são representações simbólicas que até pela sua repetição esbanjam sabedoria. Repetições simbólicas que valorizam o cotidiano e podem se constituir em fontes para pesquisa e aprendizagem.

Quando se observa a riqueza criativa das vivências dos moradores destas duas comunidades, principalmente dos mais velhos, no que diz respeito ao uso das ervas medicinais, no modo de trabalhar a terra, de tirar dela seu sustento, nas linguagens gestuais, na música, nas festas, no modo de se divertir, de cantar, dançar e rezar vê-se a importância de ter acesso a esse conhecimento. É esse conhecimento que compõe o contexto escolar, no qual são tecidas as teias de significados que recriam incessantemente a cultura e a identidade das crianças e dos jovens.

A aceção pedagógica deste tipo de postura pode ser avaliada à luz de análise feita por Paulo Freire (1975), que propugnava a esperança como valor fundamental para o indivíduo, com a

confiança de que pode ser construída uma comunidade de significados em torno de experiências básicas da vida humana de que todos compartilhem.

Trata-se de um saber que vai sendo transmitido e assimilado de forma lenta e permanente, dando oportunidade de reflexão sobre a necessidade de mudança, sempre que as circunstâncias o exigirem, para que estas comunidades possam adequar-se às novas condições do momento. É durante os rituais que os valores que as comunidades reputam essenciais se condensam e são reafirmados e renegociados, constituindo, assim, no que Macedo (2007) costuma chamar de “atos de currículo”, relevante instrumento de formação da identidade dos remanescentes de quilombos, fazendo parte e enriquecendo as reflexões pedagógicas da escola formal, transmitindo as normas do convívio comunitário e dando às crianças o necessário conhecimento de sua *arkhé* e do valor de seus antepassados, mostrando quem é quem no presente e apontando para as perspectivas futuras.

Ao se reafirmar no processo de construção do conhecimento como ação coletiva entre os alunos, na tentativa de responder aos desafios da realidade, as professoras colocam à disposição das crianças e dos jovens, diferentes mapas de referências para leitura de mundo através de conteúdos, métodos e relações sociais. Isto leva a uma transformação substancial nas relações hierárquicas na escola e na sala de aula. Até porque, a escola é um espaço político, conseqüentemente, de confronto, onde se inserem diferentes saberes – da comunidade, do professor, dos alunos. É preciso superar a crença no poder absoluto de uma cultura dominante em selecionar, organizar e distribuir os conhecimentos, e compreender a escola como espaço sócio-cultural em que sujeitos históricos agem através das alianças e conflitos, aceitação de normas e transgressão. Daí a importância do envolvimento destas comunidades na construção do currículo. É a partir da realidade e necessidade da escola, que as professoras recriam os conteúdos a serem trabalhados em suas salas de aula.

Analisando o currículo da escola do Mucambo e de Boitaraca, o qual visa desconstruir as narrativas hegemônicas de identidade que constituem o currículo oficial, pensei em Moreira (1995), quando argumenta sobre as possibilidades emancipatórias do currículo, visto não como um conjunto de informações aprendidas pelos alunos(as), mas sim, “como um esforço de introdução a um determinado modo de vida” (MOREIRA, 1995. p. 11-12). Isso é compreender o currículo como a própria organização do conhecimento em formas particulares de agir, sentir, falar, ver e perceber o mundo, o “eu” e o “outro”, inserido num contexto global, que expresse os objetivos de uma comunidade, tendo a educação como um espaço de “luta”.

As escolas Dr. Abílio Farias, no quilombo do Mucambo e a escola Rui Barbosa, em Boitaraca, valorizam as experiências e tradições culturais, portanto, reforçando e (re)significando

costumes, saberes, crenças e rituais de devoção, formas diversificadas de trabalho, educação e diversão.

Uma escrita que se completa, um pensamento que não se encerra

Em seu desdobramento, a pesquisa busca analisar a proposta pedagógica criada pelas professoras quilombolas, que valorizam a *arkhé* africana no contexto escolar da comunidade do Mucambo e de Boitaraca, a partir de suas próprias histórias, percebendo que especialmente para os remanescentes quilombolas, existe um vínculo entre educar e formar a partir da memória, da oralidade e da ancestralidade. Ancestralidade ligada não somente ao mais velho, mas aos elementos naturais e simbólicos que compõe o ambiente destas comunidades. No quilombo, uma árvore não é somente uma árvore, um rio não é somente um rio, é um ancestral vivo, que transmite lições de vida.

É importante salientar, que há uma correspondência entre a ancestralidade e a convivência como formadores no processo identitário e educacional, no caso do Mucambo e de Boitaraca, esta convivência se materializa no que chamamos de “*ethos*” (LUZ, 2000). Assim, a ancestralidade “está presente nas relações e nos valores destas comunidades a referência à compreensão da *arkhé* que funda, estrutura, revitaliza, atualiza e expande a energia mítico-sagrada da comunalidade africano-brasileira” (LUZ, 2000.p. 47). Portanto, o que entendemos por ancestralidade é o encantamento, é um tempo difuso e um espaço diluído projetado no modo de vida, presente no contentamento e na afetividade como condição fundamental para criar e (re)criar a diversidade e a pluralidade nas pesquisas e na vida.

A abertura da escola Dr. Abílio Farias e da escola Ruy Barbosa para a apreensão das vivências educativas que compõem as crianças e os jovens do Mucambo e de Boitaraca respectivamente, pressupõe também uma visão de mundo que não comporta as cercas de um currículo como grade, nem permite propostas pedagógicas que insistem em reproduzir os saberes europeus, porém as escolas destes quilombos compreendem a educação como acesso para diversas leituras, diversas práticas que são as práticas de viver e que geram saber nas comunidades quilombolas. As crianças aprendem desde cedo na escola destas comunidades o que é ser negro e o que é ser quilombola.

As professoras enfrentaram e vem enfrentando dificuldades para realizar uma proposta pedagógica diferenciada, que contemple as práticas do viver que geram saber, que são as práticas da dinâmica do *vivido/concebido* (LUZ, 2006). As tradições orais, as práticas

culturais, as festas as rezas, contemplam o currículo escolar. E para que este trabalho ganhe força vital dentro da escola, é necessário a participação de toda a comunidade, dessa maneira, a memória e os saberes das crianças e dos jovens quilombolas não passam incólumes no interior da escola.

É importante ressaltar este aspecto inovador de educação nessas escolas quilombolas, pois sabemos que “a linguagem pedagógica que lastreia a escola está assentada em valores que constituem a cosmovisão etnocêntrica que procura arrefecer a afirmação do patrimônio simbólico africano-brasileiro” (LUZ, 2003. p. 66). Percebe-se que a escola oficial de ensino não foi preparada para trabalhar com as diferenças sociais, raciais, econômicas, culturais, políticas, e seu espaço, durante séculos, absorveu teses racistas, fruto da manipulação do pensamento científico para servir a um processo de subalternização de povos não brancos. Um mecanismo de exclusão criado para silenciar as diferenças sociais e culturais.

Dessa maneira, na escola do Mucambo e de Boitaraca, a proposta curricular é baseada nos valores da *arkhé* africano-brasileiro. As crianças sabem o valor das matas, qual a importância em se respeitar os mais velhos, conhecem a força da ancestralidade, da memória e da cultura do local. Estes elementos transitam de forma viva no interior da escola, fortalecendo a identidade destas crianças e dos jovens quilombolas. Uma proposição didática que pode ser considerada inovadora e brota como estratégia de insurgência contra um currículo positivista e de desdobramentos neocoloniais colocado para os alunos todos os dias, e que nada tem a ver com sua ancestralidade, nem com sua *Arkhé* africana.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: HUCITEC, 1999.

ERICKSON, Frederick. **The cycle of situational frames**: a model for microethnography in urban anthropology. Paper read at Midwest Anthropology Meeting. Detroit, Michigan. 1971.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Brasília**: Liber Livros, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 1989.

GOMES, Flávio dos Santos. **A Hidra e os Pântanos**: Mocambos, Quilombos e Comunidades de Fugitivos no Brasil. São Paulo, Editora UNESP & Editora Polis, 2005.

LUZ, Marco Aurélio de Oliveira. **Agadá**: dinâmica africano-brasileira. 2 ed. Salvador: EDUFA, 2000.

LUZ, Narcimária C. do P. **Abebe**: a criação de novos valores na educação. SECNEB, Editora, Salvador, 2003.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo, diversidade e equidade**: luzes para uma educação intercristica. Salvador: EDUFBA, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.p. 14-42.

MOREIRA, Antônio Flávio & SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1995.

REIS, João José. Escravos e Coiteiros no Quilombo do Oitizeiro – Bahia 1806. In: **Liberdade por um fio: história dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras. 1996.

SAMUEL, Raphael – **Documentação História Local e História Oral**. Revista Brasileira de História. São Paulo. vol. 09. nº. 19. p. 230. set. 89/fev. 90.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Codecri, 1983.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História Oral. 2 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.